

Manoel d' Almeida Filho

# As Aventuras de Paulo



**Sufrimento, Amor e  
Aventuras**

PREÇO — 1 Cruzeiro

# As Aventuras de Paulo

Sufrimento, Amor e  
Aventuras

Leitores vos conto um drama  
Do tempo da antiguidade  
Onde imperou a malicia  
Malvadez e falsidade  
Mas o que Deus determina  
Ninguém escurece a verdade.

Havia numa cidade  
Um rei de grande poder  
Matava sem piedade  
E não temia morrer  
Quem partisse para ele  
Não queria mais viver.

Já faziam cinco anos  
Que este rei era casado  
Como não tinha um filho  
Vivia contrariado  
Um dia disse a esposa:  
—Eu sou muito desgraçado.

Se Deus não nos dà um filho  
Por mim mesmo reconheço  
Que o culpado sou eu  
Nem isso de Deus mereço  
Os crimes que tenho feito  
É porque hoje padeço.

Porém de hora em diante  
Não pratico mais horror  
Vou viver justo e honrado  
Juro por Nosso Senhor  
E peço que dê-me um filho  
Por vosso divino amor.

Desse dia por diante  
O rei se regenerou  
Quando já não esperavam  
Uma noite ele sonhou  
Que lhe chegava um anjo  
Por esta / falou:

— Jesu... manda-te dizer  
Que uma filha vai te dar  
Para acabar teu sofrer  
Mas manda te avisar  
Que é pra vós fazerdes  
O que ele determinar

Quando ele acordou-se  
Foi já com muita alegria  
Nesse momento feliz  
Gravida a mulher sentia  
E dentro de pouco tempo  
Essa menina nascia.

Quando a criança nasceu  
O rei ficou encantado  
Bem junto ao pé do leito  
Contemplava ajoelhado  
Como se fosse uma santa  
Que Deus tivesse mandado.

Pegou um livro de sorte  
Com prazer e alegria  
P'ra ver a sina da filha  
E o nome que trazia,  
Porem quando viu a sina  
Quase morre de agonia.

O nome era Juliana  
Dado pela natureza  
A sina era casar-se  
Com um filho da pobreza  
Pois era Paulo Azevedo  
O esposo da princeza.

O rei ficou colerizado  
E jurou na mesma hor  
De acabar com o Paulo  
P'ra não nascer a peõra  
Disse : onde eu encontra-lo  
Tiro-lhe a cabeça lóra.

E seguiu a informar-se  
Porem com muito segredo  
Para não ser descoberto  
E não complicar o enredo  
Perguntando : aonde mora  
Uma familia Azevedo ?

Finalmente descobriu  
Um ferreiro que havia  
Chamado João Azevedo  
Este um filho possuia  
Era esse o tal menino  
Que o malvado perseguia.

Quando o rei ficou ciente  
Onde o menino morava  
Pensou logo por qual meio  
A criança assassinava  
Mandou roubar o inocente  
P'ra fazer o que desejava.

Paulo contava dois anos  
Inteligente e sabido  
Pois nasceu no dia que  
Juliana tinha nascido  
Estava nas mãos do rei  
P'ro caso ser resolvido.

Este caso horrroso  
De ninguém quiz confiar  
Para não ser descoberto  
Ele mesmo foi matar  
Pegou o menino e seguiu  
A procura d'um lugar.

Andando pela montanha  
Quando num monte chegou  
Botou a criança no chão  
E por seu punhal puchou  
Com furor, odio o vingança  
No inocente cravou.

Estava tão satisfeito  
Fazendo esta matança  
Que deu quatro punhaladas  
Que traspassava a criança  
Deixou o punhal ficado  
P'ra ser maior a vingança.

Dai voltou o monarca  
Disendo: estou vingado  
Já deslir no que Deus fez  
Agora estou consolado  
Se ele tornar a fazer  
Toraõ deixar desmanchado

Paulo ficou arquejando  
Quase morto esfaqueado  
Naquelle estado triste  
Ali sobre o chão prostrado  
Até as pedras choravam  
O vendo naquelle estado.

Perto do monte moreno  
Numa casa, uma velhinha  
Foi tirar uns gravetinhos  
Perdeu-se andava suzinha  
Se alimentando no mato  
Quando achava uma frutinha.

Já faziam quatro dias  
Que ela tinha se perdido  
Foi passando e ouviu  
Paulo soltar um gemido  
Ela ai chegou p'ra perto  
O pobre estava estendido.

Quando a velhinha viu  
Ele todo ensanguentado  
Exclamou: Oh! Virgem Maria  
A mãe do verbo encarnado  
Socorrei este inocente,  
Por Jesus sacramentado.

Arrancou logo o punhal  
Que nele tinha ficado  
— Oh! Jesus que quadro feio  
Oh! que ente tão malvado  
Quem comete um crime deste  
Só paga sendo enforcado.

E botou Paulo nos braços  
Saiu por ali andando  
Derramando muito sangue  
E a velhinha chorando,  
E com as folhas de mato,  
O sangue a enxugando.

Deus como vai amoroso  
A velhinha auxiliou  
Que quando ela saiu  
Com o caminho acertou  
Com o praso d'uma hora  
Em sua casa chegou.

Assim que ela chegou  
Foi logo tratar de Paulo  
Mas só dentro de um ano  
Ela acabou de cura-lo  
Depois que ele ficou bom  
A velhinha foi crea-lo.

Paulo chamava mamãe  
Sem saber do seu passado  
Porem um dia ela disse  
Como o tinha achado  
No pé d'um grande monte  
Quase morto esfaqueado

E entregou-lhe o punhal  
Que ele foi visimado  
O punhal era de ouro  
O cabo era prateado  
Com as tres iniciais  
Do dono, era assinado.

Ele pegando o punhal  
Disse: amanhã vou embora  
Vou procurar minha vida  
Por este mundo atora  
Descobrir esse misterio  
Com fé em Nossa Senhora.

Com dois dias de viagem  
Chegou num grande reinado  
Falou logo com o rei  
Para ser seu empregado  
Como o rei nada sabia  
O rapaz foi arrumado.

Era este o cujo rei  
A imagem de caim  
Tinha ido matar Paulo  
Em um deserto sem fim  
E agora sem saber  
Empregou-o no jardim.

Paulo tinha obrigação  
De todo dia aprontar  
Um lindo boquê de flor  
E a Juliana levar  
Isto era ordem do rei  
Para filha se enfeitar.

Ele fazia o boquê  
E todo dia levava  
A lindeza desse mimo  
Cada dia mais brilhava  
E Juliana por si  
Daquilo se admirava.

Juliana era uma jovem  
De recato e de pudor  
Começou gostar de Paulo  
E consagrou grande amor  
Pois enfrentou a desgraça  
Do pai não teve temor.

Ela dizia consigo:  
— Como é que pode ser  
Se o meu pai souber disto  
Nós havemos de morrer  
Se é esta a nossa sorte  
Só Deus nos pode valer.

Eu sei que Paulo me ama  
Isto é cousa bem clara  
Mas tem medo de papai  
Por isso não se declara  
Ou p'ra matar ou morrer  
Agora eu meto a cara.

Neste momento saiu  
Direta para o jardim  
Encontrando Paulo disse:  
Queridinho venha a mim  
A tempos que ti consagro  
Um amor puro sem fim.

Paulo então lhe respondeu:  
Isto é uma esparrela  
Rico não casa com pobre  
Não sou eu quem caio nela  
Você critica de mim  
Por ser rica nobre e bela.

Juliana disse: Paulo  
Para ti não sou fingida  
Hoje mesmo me enforco  
Se por ti não for querida.  
Poís por teu amor me arrisco  
Até de perder a vida.

Paulo disse: sendo assim  
De nada tenhas temor  
Descanças teu coração  
Confias no meu amor  
Que por ti arrisco a vida  
Morrendo não sinto a dor.

Então disse Juliana:  
— Para mim outro não vejo  
Ambos logo se abraçaram  
Juliana deu-lhe um beijo  
E Paulo também beijou-a  
Aproveitando o ensejo.

O rei sem mãos pensamentos  
Se abalou dos seus cuidados  
Foi passeiar no jardim  
Pensando nos seus passados  
E deparou-se com Paulo  
E Juliana abraçados.

Quando o rei avistou-os  
 Ficou cego de paixão  
 Deu um pontapé na filha  
 Que lançou-o sobre o abito  
 E ameaçou o Paulo  
 Para mata-lo a facão

Paulo que era ligeiro  
 Pegou logo uma enxada  
 Com ela empurrou o rei  
 Ele caiu na calçada  
 Rompeva que só um porco  
 Com a cabeça rasgada.

Nisso chegaram os soldados  
 Que tinham ouvido a ruada  
 E partiram para Paulo  
 De baioneta calada  
 Paulo sustentava a luta  
 No olho de sua enxada.

Mas a enxada quebrou-se  
 Paulo ficou desarmado  
 Os soldados perseguindo  
 Ele se viu apertado  
 Deixar a luta e correr  
 Foi esse o plano acertado.

Assim mesmo ele fez  
 Saltou o muro e correu  
 Chegando fora da rua  
 No mato se escondeu  
 Vamos tratar em Juliana  
 E tudo que aconteceu.

Pois o rei quando tornou  
Que viu aquele estandarte  
Uns gemendo, outros chorando  
E mortos tinha uma parte  
Pois Paulo tinha mostrado  
Que brigando tinha arte.

O monarca levantou-se  
Em ponto de se morder  
Pegou Juliana e disse:  
— Já sabes que vae morrer?  
Amenhã te corto a cabeça  
Para todo mundo ver.

Pegou logo Juliana  
Mandou-a encarcerar  
E cinco mortos que tinha  
Ele os mandou enterrar,  
E tinha treze feridos  
Tambem mandou-os curar.

Juliana além de presa  
De ferro toda algemada  
Ainda disse ao pai:  
— isso p'ra mim não é nada  
Pois pelo amor de Paulo  
Morro muito consolada.

Vamos deixar Juliana  
Na prisão fria gelada  
Para tratar sôbre Paulo  
Quando soube da cilada  
Como ele entrou na rua  
E salvou a sua amada.

Paulo vinha no caminho  
Com um médico encontrou  
Deu-lhe logo uns pants-pês  
E tudo dele tomou  
Vestiu-se na sua roupa  
E os aparelhos levou.

E quando chegou na rua  
Uma casa ele alugou  
Preparou um consultorio  
E uma placa botou  
E depois de tudo pronto  
Um plano certo formou.

Ele saiu passeiando  
Com uma pasta na mão  
Encontrando o General  
Foi-lhe pediu atenção  
Disse: O senhor está sofrendo  
Um grande mal no coração

Respondeu o General:  
— De nada estou sofrendo  
Paulo disse logo: veja  
Se ele não está batendo,  
O senhor diz que está bom  
Mas está quasi morrendo.

O General nunca finha  
A isto prestado atenção  
E quando a mão botou  
Em cima do coração  
O medo foi tão danado  
Que ele caiu no chão.

Paulo viu que na ideia  
Tinha tido resultado  
Logo ergueu o general  
Que estava todo gelado  
Levou ele direitinho  
P'ro lugar determinado

Chegando ao consultorio  
O Paulo com precaução  
Botou logo o General  
Na mesa de operação  
E tirou-lhe toda roupa  
P'ra fazer examinação

Botou-lhe um pano no rosto  
Porém com todo cuidado  
Foi buscar a ferramenta  
E voltou muito apressado  
Quando o general deu fê  
Estava todo amarrado.

Ele ai vestiu a roupa  
Daquele official  
E partiu diretamente  
Para o quartel general  
Juntou a força e seguiu  
Para Côrte Imperial.

O general prometeu  
A todos officiaes  
De aumentar o ordenado  
Dos soldados inda mais  
P'ra não deixar Juliana  
Passar os golpes fatais.

Ai lhe disseram todos :  
Senhor não tenha cuidado  
O senhor fazendo isto  
Seguimos o seu mandado,  
E em vez de Juliana  
O rei será enforcado.

Paulo disse : não precisa  
Quero salvar a donzela  
Porque é muita desgraça  
Se não detendermos ela  
É moleza deixar morrer  
Uma menina tão bela.

Quando a força chegou  
Estava a praça agitada  
Aí vinha Juliana  
A força estava armada  
Onde a triste donzela  
Ia morrer enforcada.

Já ia subindo a força  
Quando o general gritou :  
— Eu quero que tome a moça  
Aí a força atacou  
O rei que viu a desgraça  
Também a luta enfrentou.

É o povo quando viu  
Aquela revolução  
Uns corriam outros gritavam  
Que fazia compaixão  
Até a corôa do rei  
Já rolava pelo chão.

*Handwritten signature*

*Handwritten signature*

O General era Paulo  
Mas não temia o perigo  
Pagou o rei pelas guerras  
Sustentou o inimigo  
Disse a ele: são filhas  
Agora casa é contigo.

O rei disse: eu não assino  
E gritou: quem me socorre  
O general disse a ele:  
Você ou assinou ou morte  
E daqui das minhas unhas  
Você se arraba e não corre

O rei vendo que não  
Gritou logo: eu faço a paz  
Paulo disse: você assinou  
Perante aos oficiais  
Como a palavra de rei  
Não pode voltar atrás.

Paulo apertando o rei  
Na ponta de seu punhal  
Logo o monarca assinou  
Pela coroa imperial  
És meu genro, eu sou tua sogra  
Por toda corte real

Depois de tudo assinado  
O rei também aprontou  
Botou banhos na igreja  
E o povo convidou  
O general com Juliana  
No mesmo dia casou.



**Não deixe de ler :**

# Romance de Jaques e Jaquira

(NA AFRICA)

*Onde vê-se um cachorro desempenhar o papel mais interessante das paginas da historia.*

*Salvar o seu dono ( Bugue-Jagal ) na hora do fusilamento, matando diversos ca-pangas.*

*Depois guardou a moça muito tempo e com o auxilio do dono, salvou o rapaz na hora de ser jogado ao abismo, onde fora condenado.*

*Guerras com os indios, traição, misterio, vingança, aventuras e triunfo.*

**Preço da casa Cr. \$ 2,00**

Aracajú, 3-4-43

Grafica MOCIDADE - Aracajú

*Handwritten notes:*  
206 - 206 - T. II - 434